

“Entre duas alternativas, escolha a terceira!”

Sergio Lessa

A “opção pelos ricos” do PT mais a evolução da crise estrutural do capital tornam Lula cada vez mais um espelhamento de Bolsonaro. Realinha-se o Partido da Ordem.

Ainda que sejam muitos os fatores e as articulações que conduzem à instabilidade crescente do sistema do capital internacional, seu fundamento pode ser exposto em poucas linhas. Já que, devido à crise, o capital acumulado não pode ser reinvestido na produção, tem de ser investido nos bancos. Estes apenas aceitarão tais investimentos com a garantia de tomadores de empréstimos que aceitarão juros mais elevados do que os bancos já pagam aos seus investidores. Como se trata da “mais-valia excedente” de todo o sistema do capital - ainda que em suas expressões nacionais - , este é um montante de riqueza que apenas o Estado possui capacidade de emprestar. Fecha-se, assim, a metade do circuito: os Estados emprestam a juros mais altos do que os capitalistas receberão dos bancos. O capital “excedente”, que não pode retornar à produção, termina nas mãos do Estado pela mediação dos bancos que, então, obtêm lucros elevadíssimos.

A segunda metade do circuito se inicia nos Estados. Os governos estimulam a produção, isto é, cedem em condições “de pai pra filho” (pois, sabemos, o Estado é sempre o da classe dominante) aos burgueses o capital emprestado dos bancos por meio de obras públicas, renúncias fiscais, compras estatais, empréstimos a juros subsidiados e outras políticas de “estímulo à economia” . De um modo ou de outro, o capital retorna ao seu ponto de partida: os capitalistas privados. Contudo, agora acrescidos dos lucros obtidos pelos burgueses mais o capital nesse meio tempo produzido pelos proletários. Têm-se, então, um capital ainda maior do que no início e que precisa ser investido... novamente nos bancos. Estes, então, recebem uma nova e maior rodada de investimentos - seus lucros aumentam ainda mais - e os repassam ao Estado que, “investindo na economia” , realimenta o ciclo.

O sistema, aparentemente, poderia continuar para todo o sempre.

Só na aparência. Pois, como o capital nas mãos do Estado foi repassado aos burgueses em condições “de pai pra filho” , estes retornam ao Estado muito menos

do que este tem de pagar aos bancos: a dívida pública só aumenta e aumenta o risco de os Estados não a conseguirem pagar. Para compensar maior risco, tem-se uma nova rodada de aumento dos juros.

É para tentar manter o equilíbrio desta ciranda financeira que os Estados - os EUA em primeiro lugar, mas não é único - lançam mão do artifício de imprimir dinheiro novo. O resultado é uma queda no preço do dinheiro (pois, como toda mercadoria, maior oferta significa menor preço): se necessita de cada vez mais dinheiro para comprar a mesma mercadoria. O nome disso é inflação.

Para compensar a inflação, os juros são aumentados, a dívida estatal se torna ainda mais impagável, os lucros dos bancos não param de crescer. Com juros tão elevados, compensa mais investir em títulos da dívida estatal ou outros produtos do mercado financeiro do que na produção. Com isso a crise se aprofunda: para que os bancos aceitem investimentos ainda mais vultuosos, os Estados devem tomar ainda mais empréstimos a juros cada vez mais elevados... e a ciranda financeira, nunca algo racional, vai se tornando enlouquecida. Hoje, estima-se que um capital equivalente a sete vezes o PIB mundial está aprisionado neste circuito ensandecido em que lucros elevados são gerados sem que qualquer produção venha lhe dar suporte. Como resultado, nunca tivemos tantos miseráveis e famintos, desempregados e suicidas no planeta quanto hoje!

É consenso entre os principais investidores e Bancos Centrais que “os fundamentos” da economia estão hoje mais precários e o sistema está mais instável do que antes da crise de 2008. Para tentar um reequilíbrio, o sistema financeiro está buscando uma aproximação entre o montante de capital especulativo (o capital fictício) e a riqueza real do planeta. É preciso desvalorizar o capital especulativo o que se consegue pela inflação. Contudo, a inflação torna as dívidas estatais ainda mais impagáveis e ninguém tem segurança para onde vai este processo inflacionário: esperam os burgueses que a um desequilíbrio menor na reprodução do capital. Todavia, tudo pode escapar ao controle e o que deveria ser uma pequena recessão se transformar em uma crise gigantesca. Pois, além dos fatores econômicos, a revolta social e o descontentamento das pessoas não param de crescer, mundo afora.

E isto tem um impacto direto nas eleições de 2022 no Brasil.

O desequilíbrio econômico nacional e internacional obriga que a política

econômica não vá além de pagar incêndios cotidianamente. Frente à iminência de uma grande crise, as necessidades do capital se impõem como absolutas: ou são atendidas prontamente, ou tudo desmorona. Sem verdadeiras alternativas na esfera econômica, não há também possibilidades para se manobrar nas políticas públicas ou nas alianças políticas. No presente, a pedra de toque é o pagamento da dívida estatal para com os bancos e, em segundo lugar, o financiamento direto e indireto às indústrias e exportações.

Em lugar de destaque está também a previsão muito razoável que (Lula ou Bolsonaro no Planalto) o próximo governo passará por uma crise marcada pela insatisfação popular e baixa popularidade. Ter o apoio do Centrão no Congresso é decisivo para evitar que, em tais circunstâncias, enfrente um *impeachment*. Ao mesmo tempo, é preciso uma política de repressão “inteligente e bem administrada”, que consiga evitar explosões populares - ou, na hipótese de elas ocorrerem - que as controlem rapidamente. A prisão dos bolsonaristas, levar à justiça o núcleo duro da repressão, os torturadores está fora de cogitação - independente de quem vença as eleições.

Bolsonaro, nestas circunstâncias, “manera” seu discurso ensandecido, vira “tchuchuca” do Centrão e se aproxima do Supremo Tribunal Federal; Lula segue seus passos: é o candidato do STF e de boa parte do Centrão e se pretende “tchuchuca” do capital. Esta campanha eleitoral será um espelhando o outro, os dois cada vez mais semelhantes - mesmo no discurso!

O Partido da Ordem

A semelhança aumenta ainda mais se levarmos em consideração a conjuntura eleitoral.

Dois grandes campos políticos se apresentam nesta reta final. O campo democrático, que engloba a “sociedade civil que se levantou” no 11 de Agosto, o PT, o PSOL, o MDB, o PC do B, o PCB, o PSTU e vários agrupamentos políticos menores, representados pelos movimentos identitários, pelas inúmeras ONGs e organizações similares, etc. Aqui cabe tudo: desde os “golpistas” contra Dilma, como Temer e a maior parte dos congressistas, até os comunistas de carteirinha. Todos estas forças seriam, contudo, impotentes se não contassem com uma aliança com o Centrão no Congresso Nacional.

No outro campo, o “fascista” (o fascismo de Bolsonaro não é mais que o desespero dos lulistas em busca de votos!), temos o PL, o PTB e o executivo federal - além das organizações da sociedade civil que integram este campo, desde empresários, a maior parcela do agronegócio até os CACs país afora. Este campo, contudo, seria rigorosamente impotente se não contasse com uma aliança com o Centrão no Congresso Nacional.

Não é difícil perceber que o Centrão se tornou, nesta eleição, o “objeto de desejo”. Aproveitam como podem: saquearam o governo Bolsonaro, desmontaram a Lava Jato, aprovaram leis que facilitam a bandalheira e protegem os corruptos, etc., etc. Roubam tudo e quando podem. Ao mesmo tempo, negociam um lugar privilegiado no governo próximo governos, caso o vitorioso seja Lula.

Lula e Bolsonaro percorrem a mesma trajetória: estão de pernas e mãos amarrados ao Centrão e comprometidos o quanto é possível com a exploração dos trabalhadores: serão cada vez mais semelhantes, mesmo na aparência, conforme a campanha avance. Se nem na campanha eleitoral são distintos, imaginem o quanto serão similares uma vez no governo! Nem Lula vai levar Bolsonaro à justiça, nem Bolsonaro vai processar Lula! O acordo já está selado.

É assim que está sendo reformulado o Partido da Ordem: em nome da estabilidade política imprescindível para aumentar a exploração dos trabalhadores e operários, para manter o sistema do capital girando, um amplo bloco vai se articulando. Resta apenas saber se este bloco terá no Planalto Bolsonaro ou Lula. Tudo indica que será Lula. Contudo, Lula tendo se tornado o candidato da situação, pode fazer de Bolsonaro o candidato que receba os votos do descontentamento popular! Como em 2018.

A única alternativa aos trabalhadores e operários é romper com esse ciclo vicioso. Como diz o ditado, “entre duas alternativas, escolha sempre a terceira” !

A campanha pelo voto nulo, com a denúncia do capital e a afirmação da necessidade da revolução, pode vir a ser o primeiro passo para um enfrentamento com o capital. Temos algo decisivo a nosso favor: o Partido da Ordem apenas pode oferecer o mais-do-mesmo... que ninguém mais aguenta!